

O INDIANISMO DE JOSÉ DE ALENCAR

REZENDE, Nilza Matos Varjão.

MEIRELLES, Cláudia de Souza Cardoso. (Orientadora)
Graduada em Letras-Português, Especialista em Metodologia do
Ensino de Língua Portuguesa, Profª do Curso de Letras-Português
Da Universidade Tiradentes – UNIT.
meirelles.claudia@terra.com.br

RESUMO

Este artigo busca conhecer e compreender a influência da fase romântica na história literária brasileira, bem como os seus valores que se adequavam às exigências ideológicas dos escritores brasileiros. O Romantismo voltava-se para a natureza, para o exótico; e aqui está, expresso nas prosas de José de Alencar, uma natureza exuberante, valorizada na Independência política, suas conseqüências sócio-culturais, na busca do novo público leitor e acima de tudo, na valorização do índio, que contribui para a grandeza da Nação, expostos em uma literatura que fosse o espelho do nono mundo e de sua paisagem física e humana, lançados como projeto ideológico da primeira geração romântica.

O nacionalismo romântico encontra sua representação sedimentada num herói que se deveria tornar o passado e a tradição de um país desprovido de sagas exemplares: O nativo que, ignorada toda a cultura indígena, converte-se no herói inteiriço, feito à imagem de um cavaleiro medieval, representando, na sua condição primitiva de habitante, o próprio símbolo da nacionalidade.

O INDIANISMO DE JOSÉ DE ALENCAR

“ A literatura nacional que
Outra coisa é senão a alma da pátria.”
(José de Alencar)

Verificando as manifestações literárias brasileiras e o que elas trouxeram de caráter informativo para o expansionismo da arte em nosso país, é que se pode destacar o romantismo como sendo um dos precursores da exaltação da cultura popular brasileira.

A escolha do tema em questão, tem como foco central a valorização da natureza e dos seus habitantes, visto que, muito influenciaram a ótica dos grandes românticos literários, que democratizavam a arte, expressando-a de forma ávida e diferenciada. Os sentimentos tornam-se mais importantes que a racionalidade.

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica de caráter exploratório. A escolha por esse tipo de pesquisa se deu, em virtude de que, o romantismo muito tem servido como base para a cultura literária do nosso país, bem como os escritores que dele fizeram parte e deixaram seus traços românticos e suas inspirações explanadas nos diversos livros que foram por eles escritos.

Este artigo busca mostrar e compreender a influência da fase romântica na história literária brasileira e o seu efeito favorável à conscientização e formação de um público leitor mediante a arte neoclássica e cultural do nosso país.

O movimento romântico foi a expressão viva e contraditória da nova realidade. Para se ter um maior conhecimento a respeito do romantismo e da sua fase indianista, esteve presente, desde a época do reinado de D. Pedro II, o interesse pela consolidação da cultura nacional, o enriquecimento da poesia, a criação do teatro e de romances que tanto estimularam a vida literária brasileira.

A grande relevância desse artigo é a possibilidade de mostrar a real influência da fase indianista de José de Alencar, como instrumento específico no processo de aprimorar o conhecimento sobre o quanto o culto pela natureza e pelos índios, têm servido de elemento importante na estética romântica e exercido profundo fascínio sobre os escritores do período, que viam neles a antítese da civilização que os oprimia.

Este trabalho teórico pretendeu observar os aspectos a serem considerados sobre o porquê da escolha do índio na valorização da nacionalidade, agindo como parte integrante e fundadora da nação brasileira, vindo a ser enfatizado como herói nas páginas dos romances e nas poesias dos nossos escritores.

Outra questão observada, é a de que a escravidão também fez parte da época colonial brasileira, no entanto, os negros que dela participaram, não serviram como inspiradores para os poetas do romantismo brasileiro.

É certo averiguar nesse artigo, que a obra literária brasileira não denota preocupação em expressar, dentro do romantismo, a vida negreira, nem o reflexo do seu

povo, seu modo de vida, para traçar-lhes somente críticas pelo não favorecimento aos senhores burgueses que deles necessitavam.

Nas obras românticas e indianistas de Alencar, a natureza se humaniza ou se diviniza. Esse artigo visa esclarecer a razão pela qual a poesia alencariana busca, no natural, a indicação do estado de espírito e sentimental do ser humano. O porquê de a natureza ser confidente nas horas melancólicas e exóticas aos olhos de seus leitores, causando-lhes fascínio.

A atividade literária das primeiras décadas de nossa formação histórica, constituía-se não só pela época da colonização, bem como pelos registros de viagem existentes a fim de melhor conhecer a nova terra a ser explorada e os seres que nela habitavam.

A pré-história das nossas letras interessa como reflexo da visão do mundo e da linguagem que nos legaram os primeiros observadores do país. É graças a essas tomadas diretas da paisagem, do índio e dos grupos sociais nascentes, que captamos as condições primitivas de uma cultura que só mais tarde poderia contar com o fenômeno da palavra-arte. (Bosi, 1994, p.13).

O ano de 1836 marca o início do Romantismo brasileiro, com a publicação do livro de poesias Suspiros Poéticos e Saudades, de Gonçalves de Magalhães, considerado a primeira obra brasileira tipicamente romântica.

Devido ao clima da independência de 1822, a literatura romântica sempre expressou sua ligação com a política e, ao lado da euforia da liberdade e do desejo de construção de uma pátria brasileira, surgiu também o desejo de criação de uma literatura autenticamente nacional; o esforço para essa realização, como afirma o crítico Antônio Cândido, era visto como “um ato de brasilidade”.

O romantismo existente nessa época visava, não só o amor à pátria, à natureza e à religião; o povo e o passado tornam-se conteúdos brutos na história literária romântica brasileira e essa, é constituída no Brasil logo após a Independência e foi o primeiro movimento literário a visar a ideologia nacionalista.

Com grande repercussão na cultura ocidental, o romantismo teve grande influência na formação artística e cultural de um povo que, em igual período, passava por uma independência política que significava o marco decisivo no desenvolvimento da nossa literatura.

O romantismo oficializou-se na cultura brasileira, na primeira metade do reinado de D. Pedro II, sendo o período do verdadeiro nascimento da nossa literatura, pois nele, a poesia enriqueceu-se, voltada para o gosto pela confissão plena dos sentimentos e emoções, numa atitude individualista e pessoal, recusando o controle da razão para dar asas ao ser intrínseco.

Pode-se dizer que é o período do triunfo da paixão e da sensibilidade, cuja expressão da melancolia, do sofrimento amoroso, da insatisfação, vêm exaltar o

sentimentalismo da época. Os sentimentos tornam-se mais importantes que a racionalidade.

A existência adquire sentido, se guiada e desenvolvida sob o domínio dos sentimentos. Eles são a medida da interioridade de cada pessoa, medida de todas as coisas. É o grito de subjetividade que confessam a si mesmas: seus sonhos, projetos, medos e sentimentos. É o vínculo com o mundo que é rompido, numa espécie de compensação voltada para o ser, para o eu sentimental (Gonzaga, 1995, p.39).

Embora fale da natureza e do amor num tom sentimental e melancólico, a literatura romântica também se expressa de forma interligada ao poder político e, ao lado da euforia da liberdade, dos sentimentos e da melancolia, surge o desejo da construção de uma pátria capitalista e da criação de uma literatura autenticamente nacional.

Um dos elementos mais importantes da estética romântica está voltado para o culto à natureza, já que esta exerce profundo fascínio sobre os escritores do período, que via nela a antítese da civilização que os oprimia.

A terra é identificada como pátria: é jovem, vital, exuberante, servindo de compensação para a pobreza social, daí se dizer que a grandeza da nação forma uma ideologia cujos traços literários contribuem como se fosse um espelho do novo, do real, do natural. A descrição da natureza, um dos princípios centrais das várias obras de José de Alencar, é feita de uma maneira vigorosa, num estilo que pretende abarcar a vitalidade e a exuberância de nossos elementos naturais.

A sua paisagem é sempre de um colorido imenso, um colorido sem nuance, sem meio-tom, sem a pausa de um esfumado onde o leitor repouse a vista. Tudo é enorme na paisagem.(...) O elemento humano, porém, ninguém o representa verdadeiramente como o capricho de sua fantasia. Tem-se que observar, descobrir o homem. E essa descoberta é que em verdade ninguém encontra nos romances de Alencar (Sergius Gonzaga, 1995,p .70, apud Olívio Montenegro, 1953).

José de Alencar, escritor romancista, ampliou a percepção do país em seus romances, que procuravam captar e mapear os valores, os costumes e a sensibilidade do universo nativo (“O Guarani”), das comunidades rurais e do modo de vida urbano, demonstrando as mais elevadas virtudes do amor filial, da lealdade, da coragem, da honra e do heroísmo, valores pelos quais se poderia orientar a construção da nacionalidade, compondo um grande painel do que então era percebido como “a nação”.

Retratando o perfil das obras de Alencar, nas quais se mostrava consciente de ter abraçado todas as grandes etapas da vida literária brasileira, obtém-se três fases relatadas em sua ficção: a primitiva, formada pelas lendas e mitos da terra selvagem, conquistada durante as Grandes Navegações; o segundo período, que trata de fatos históricos, representando o consórcio do povo invasor com a terra americana, da qual recebera a cultura e retribuía-lhe os eflúvios de sua natureza virgem e possuidora de um solo cheio de esplendor. Sua fase seguinte, a infância de nossa literatura, é representada pela independência política.

As amplitudes geográficas, históricas e sociais faziam-se presentes no projeto literário de José de Alencar. Inserindo-se na linha nacionalista e histórica do

romantismo, procurou construir obras romanescas que abrangesse todo o Brasil, a exemplo de seus relatos indianistas situados na era colonial.

Por conseguinte, José de Alencar significa muito mais do que um grande escritor do romantismo, sobretudo da obra indianista, já que desempenha um papel fundamental na construção da identidade brasileira, pois o seu lado indianista tornou-se deveras importante, por salientar a contribuição indígena na literatura, diante de uma sociedade elitizada que o julgava incapaz de ter qualquer reconhecimento.

Suas obras, não estavam mais voltadas para a estrutura do folhetim ou o nacionalismo ufanista. Sob sua ótica, estava a consolidação de um romance brasileiro movido por um sentimento de missão patriótica, a fim de descobrir a essência da real nacionalidade. Foi o primeiro ficcionista a perceber a vastidão e a diversidade de seu país. Nascido e criado no sertão, diferenciou-se dos demais literários ao introduzir no romance brasileiro o índio e seus acessórios, aproveitando-o ou em plena selvageria ou em comércio com o branco.

Percebe-se que, enquanto na Europa, os escritores românticos se voltavam para os tempos da Idade Média, valorizando os heróis que ajudaram a libertar e constituir suas nações, no Brasil desenvolveu-se uma das formas mais significativas do nacionalismo romântico: o Indianismo.

As narrativas indianistas delimitam-se por uma valorização do nativo enquanto elemento útil para a civilização branca. José de Alencar em suas obras, busca enaltecer

as tradições, a valentia e a honra dos silvícolas que habitavam a terra quando aqui chegou o homem branco. Para tanto, era mister estudar-lhes a vida, os hábitos, os costumes, a linguagem, que, remota ou não, suas expressões permanecem até hoje na língua portuguesa falada no Brasil.

A vida e os costumes dos índios sempre despertaram a curiosidade e interesse do público português e brasileiro. O romance indianista, de caráter lírico, poemático, aproveita o mito e o símbolo como elemento estético.

O índio era visto como o “bom selvagem” que contrasta com a ganância e a falsidade do civilizado europeu, e, na tentativa de definir a etnia brasileira, os escritores românticos constataram que os nativos eram os verdadeiros representantes da raça brasileira.

As paisagens da nossa terra, os índios, a vida no campo e na cidade passaram a ser os temas da nossa literatura, teatro, pintura e música.

A prosa alencariana indianista valoriza o que o Brasil tem de natural, de nativo, e não apenas exalta essa “brasilidade”, como também, equipara a flora, a fauna e o silvícola à “modernidade” européia. A produção diversificada de Alencar estava voltada ao projeto de construção da cultura brasileira, no qual o romance indianista, buscando um tema nacional e uma língua mais brasileira ganha papel de destaque.

O conhecimento da língua indígena é o melhor critério para a nacionalidade da literatura. Ele nos dá não só o verdadeiro estilo, como as imagens poéticas do

selvagem, os modos de seu pensamento, as tendências de seu espírito, e até as menores particularidades de sua vida. É nessa fonte que deve beber o poeta brasileiro; é dela que há de sair o verdadeiro poema nacional, tal como eu imagino (José de Alencar em Iracema, apud M. Cavalcanti Proença, 1979, p.206).

Alencar aparece como um dos mais importantes escritores desse período. Em sua obra, nota-se a preocupação em expressar uma realidade tipicamente brasileira através de um modo de escrever que procura refletir o espírito do nosso povo, seu vocabulário e sua maneira de falar. Seus romances, Iracema e o Guarani, mostram a figura do índio idealizado ao extremo.

Foi em 1836 que a sua prosa apresentou, de forma bem definida, características estéticas em que se marca um “nacionalismo literário”, identificado no indianismo, bem como na sua forma regionalista de se expressar. A valorização do índio foi um dos aspectos mais presentes no que se refere ao propósito de afirmação de nossa nacionalidade. Afinal, tratava-se de exaltar aquele que era considerado o produto mais genuíno da terra brasílica.

O indianismo romântico nasceu numa jovem nação libertada, que precisava “inventar” um passado heróico, mítico, lendário, lançar modelos de nacionalidade, encontrar um rosto que nos identificasse e nos distinguisse da Europa.

O indianismo foi uma exterioridade pitoresca da paixão brasileira. Comum à América, no Brasil devia ser sobretudo artificial. Nem o índio fora o maior fator de nossa formação, nem nos herdara um nítido patrimônio de influências que opuséssemos à civilização européia, mas denunciavam uma generalidade de um sentimento que acabou por colorir a literatura (Werneck, 1995. p.273).

Alencar fundou uma mitologia indianista cuja proposta era valorizar o passado e delinear o retrato do brasileiro. A linguagem por ele usada rompeu alguns padrões estilísticos e gramaticais portugueses, sobretudo o emprego acentuado do vocabulário tupi. Segundo José de Alencar, em 1865, “O conhecimento da língua indígena é o melhor critério para a nacionalidade da literatura.” (Werneck, 1995.p.275).

A força de tais sentimentos, muito maior do que hoje podemos supor, uma vez que estão ancorados na estrutura social e por ela condicionados, foi tão intensa e penetrou tão fundo no espírito nacional que ainda em nossos dias, os indianistas não desapareceram de todo.

Esse brasileirismo de Alencar não se restringiu apenas à linguagem, ele pretendeu adequar as características gerais do Romantismo europeu a uma mitologia indígena-nacionalista, para representar as origens do país em seu processo de colonização. O mito do índio vai servir de motivo para as críticas que então aparecem, a respeito dos problemas criados por uma fase de mudança, de rápida deterioração de valores, de subversão em padrões que o tempo consagrara.

Não espanta, pois, que as idéias em torno dos habitantes primitivos das terras recém-descobertas ou recém-colonizadas acabassem por alcançar uma ampla difusão, influenciando no pensamento dos letrados da época. E não apenas no sentido da idéia política ou da idéia filosófica, como de coisas práticas por eles vividas.

É no século XVIII, quando a ascensão burguesa entra em fase decisiva, que a idéia da bondade natural do índio vai constituir o próprio fundamento dos grandes

trabalhos políticos e filosóficos. A exemplo de Voltaire que não só escolheu o índio em seus trabalhos como distinguiu nele traços de diferenciação que o colocavam em contraste com o homem europeu.

Muito antes do romantismo, o tema do índio já representava uma preocupação por parte dos nossos escritores. José de Alencar, ao abordar o indianismo, pretendia fazer do índio mais do que um assunto, um herói. Porém, nem ele, nem seus precursores, tiveram a preocupação em trazer o negro para o plano da criação literária, ainda que fosse só como assunto. Se comportaram, e coerentemente, como os catequistas, que se desmandavam na defesa do índio, assistindo às maiores torpezas da escravidão e do tráfico negreiro.

Trata-se, no fundo, do conceito que se esmerava em ver no índio o homem bom por natureza, bom por origem, dotado de bondade natural que tanto seduziu os Enciclopedistas. Em contraposição, o negro seria ruim, ruim por natureza, ruim por origem, dotado de ruindade natural, tema que tanto seduziu a ideologia do colonialismo (Werneck, 1995, p. 257).

O indianismo, a rigor, constituiu uma tendência generalizada do romantismo. A valorização do índio, conforme foi verificado, é muito mais antiga do que o aparecimento da escola romântica. O índio literário dos romances é o descendente, em linha direta, do índio social, que fascinou, desde os tempos mais remotos, os elementos intelectuais que abrangem os grandes romancistas e as escolas literárias das quais fizeram parte.

O indianismo surgiu, entre nós, perfeitamente caracterizado, com a poesia de Gonçalves Dias e o romance de José de Alencar. É com Alencar que o gênero indianista

atinge a sua inteireza, entre nós. Seus romances indianistas representam a contribuição por excelência da ascensão burguesa ao desenvolvimento literário, é com essa ascensão que o gênero chega a sua maturidade, tornando-se o caminho natural, da criação literária, trazendo uma afinidade absoluta entre o gosto do público e o indianismo.

A ampla receptividade, num meio em que a criação artística era ainda tão menosprezada, encontrava na ficção, na poesia indianista, a valorização dos desejos, dos sentimentos, do conteúdo emocional dos leitores, e esses, pertencentes por sua vez à classe dotada de entendimento intelectual, ou seja, a classe que dominava a sociedade, não valorizava o negro, o que levou os ficcionistas românticos a tomar o índio como elemento próprio para as suas criações.

O negro não podia ser tomado como assunto, e muito menos como herói, não porque fosse submisso, passivo, conformado, em vez de ativo, mas porque representava a última camada social, aquela que só podia oferecer trabalho. Numa sociedade escravocrata, honrar o negro, valorizar o negro, teria representado uma heresia (Werneck, 1995, p.268).

O reconhecimento da liberdade civil dos índios mesmo quando se tratasse simplesmente de uma liberdade “tutelada” ou “protegida”, tendia a distanciá-los do estigma social ligado à escravidão. É curioso notar que, algumas características ordinariamente atribuídas aos nossos indígenas, os fazem menos compatíveis à condição servil. Deve ser por isso que, ao procurarem traduzir a temática da Idade Média, própria do romantismo europeu, escritores do século passado, como Gonçalves Dias e Alencar, iriam reservar aos índios, virtudes convencionais de antigos fidalgos e cavaleiros, ao passo que o negro devia contentar-se, no melhor dos casos, com a posição de vítima, vítima submissa ou rebelde.

Quando José de Alencar inicia os seus trabalhos literários, após o estágio como folhetinista, focaliza o que existe de característico numa sociedade em evolução. O Guarani encontra um ambiente receptivo à solicitação do público existente. Com este romance é que o indianismo alcança, entre nós, seus maiores leitores. É por isso que deve ser considerado o momento inaugural da tendência indianista.

Em Alencar há a paisagem, opulenta, pitoresca, colorida, que se compõe com o tema indianista, transfigurando o ambiente brasileiro. O índio e a paisagem conjugam-se perfeitamente e somam seus efeitos, nos murais magníficos que o romancista levanta. A poetização da vida aborígine dá novos moldes ao romance brasileiro.

Ser mítico, o indígena alencariano é pleno de qualidades, contrastando-se com os brancos. Para os silvícolas vão todas as simpatias, possuem tão somente virtudes e chegam a superar os europeus nos mesmos valores de caráter que o romancista lhes atribui. Se por fim, considerarmos o quanto essa visão indígena guarda de respeito à moral cristã, ficará delineada a fisionomia medievalsca do indianismo de Alencar.

O gosto de idealizar, que deliciava os românticos ávidos de exotismo paisagístico e enredos complicados, eis o que se patenteia em Alencar. Quer pela ação, quer pelo código moral, seus índios são talhados segundo um único molde – os cavaleiros medievais. Lineares, encarnações duma idéia generosa de beleza, por pouco nem indígenas são. Possuem tão somente virtudes que podem ser considerados os cavaleiros andantes (Moisés, 1928. p.94).

Não espanta, pois, que as idéias em torno dos habitantes primitivos das terras recém-descobertas ou recém-colonizadas acabassem por alcançar uma ampla difusão,

influindo no pensamento dos letrados da época, tanto no patamar político, quanto no ideológico.

O indianismo representa, no processo histórico da literatura brasileira, uma de suas etapas mais características, pois, está longe de ser falso, conforme parece aos investigadores superficiais. Traduz, na linguagem literária, o que existe de mais caracterizado no meio brasileiro. Não representa apenas uma tendência generalizada, mas perfeita em sentimentos e razões que abrangem o ambiente sócio-naturalista.

Valorizando o índio, os românticos traduziam a realidade do país. O indianismo não era apenas uma saída natural e espontânea para o nosso romantismo. Era mais do que isso, alguma coisa de profundamente nosso, em contraposição a tudo que, em nós, era estrangeiro, era estranho. Ele era nativista, efetivamente, não por coincidir com a fase de autonomia e dela provir como consequência direta, mas, porque, logo após a independência, desenvolveu-se entre nós um nacionalismo vesgo, traduzido pela valorização do que se tinha em bonança: a nossa natureza.

Dentro de tais caracterizações, o indianismo deu um considerável impulso à literatura brasileira. Fez mais: popularizou-a, segundo as afinidades que estabeleceu com o público. Estabeleceu a ponte entre as manifestações literárias despertadas pelo romantismo em que se enquadrou, e a fase posterior, em que a reação anti-romântica teve lugar.

O indianismo de Alencar traduziu, com finalidade exemplar, a realidade do nosso país e os condicionamentos de sua estrutura econômica e social, sendo enriquecidos com elementos folclóricos em que se ancoraram suas manifestações expostas em “o Guarani” e “Iracema”.

José de Alencar ficou na história literária, como o romancista por excelência. Nem mesmo suas incursões no campo do romance urbano, de costume, com seus perfis de mulher, deslocaram a preferência dos leitores dos livros em que enaltecia o índio e a paisagem.

A obra de José de Alencar não só está incorporada ao patrimônio literário brasileiro, com um lugar de indiscutível destaque, bem como na curiosidade popular, onde encontra ressonância, o que não deixa de ser um expressivo traço de sua força. A agudeza das crônicas apanhara muitos traços da sociedade brasileira do tempo. A maestria de sua obra, no entanto, é que assegura a permanente fascinação pela autenticidade do ser natural (Werneck, 1964, p. 282).

Neste sentido, a obra de Alencar configura-se na história da literatura brasileira como “balanço” total do mundo brasileiro de meados do século XIX: é uma comédia humana que vai das origens da colônia (Iracema) à contemporaneidade; da província à cidade; da natureza aos seus nativos; do belo natural, ao urbano; do egocêntrico, ao mundo despojado de seus prazeres.

Sem contar à importância que, no âmbito restrito da cultura romântica e, no mais amplo, da cultura brasileira, Alencar assume fervoroso papel como libertador da linguagem, ressalta-se também a sua tentativa de construir uma “língua brasileira” na

qual se adequie a “simplicidade”, o pensamento e a expressão do índio,causando ruptura em termos exacerbados do passado, para dar lugar à diferenciação estilística face aos antigos padrões de como enaltecer, aos olhos de quem os lê, o desejo pela pátria e por tudo que nela há de real e especial.

Alencar será o grande nó na cultura romântica, e será a partir dele, do seu exaltado e exaltante romantismo, que os futuros literários do Brasil irão traçar as diretrizes, senão os modelos, para a aquisição de um estilo nacional.Sua estréia literária trouxe a história da pátria e se conservará, daí para a frente sem lapsos, o gosto romântico e nativista (Picchio,1997p.199).

Em síntese, o indianismo constitui o resultado dos projetos alencarianos, sobretudo O Guarani e Iracema, o desejo de construir uma epopéia brasileira, capaz de interpretar artisticamente as origens de nossa nacionalidade em textos marcados pela brasilidade literária. A nação brasileira é vista então como a combinação de virtudes européias que, associados ao heroísmo e bondade naturais do índio brasileiro, originam a nossa identidade cultural e à magnificência da paisagem encontrada nas terras brasilis.

BIBLIOGRAFIA

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 4ª edição: Cultrix, 1994.

CEREJA, William Roberto. **Literatura Brasileira: 2º grau**. São Paulo: Atual, 1995.

DE NICOLA, José. **Literatura Brasileira: das origens aos nossos dias**. São Paulo: Scipione, 1998.

GONZAGA, Sérgio. **Manual de Literatura Brasileira**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1995.

GONZAGA, Sérgio. **Curso de Literatura Brasileira**. São Paulo: Leitura XXI, 2004.

INFANTE, Ulisses. **Textos: Leituras e escritas: literatura, língua e redação**. São Paulo: Scipione, 2000.

MOISÈS, Massaud. **História da Literatura Brasileira: Romantismo**. São Paulo: Cultrix, 1985.

PICCIO, Luciana Stegagno. **História da Literatura Brasileira**. São Paulo: Nova Aguilar, 1997.

TUFANO, Douglas. **Estudos de Língua e Literatura**. São Paulo: Moderna, 1998.